

XIII CONGRESO  
INTERNACIONAL  
**IBERCOM**

29,30 E 31 DE MAIO FACULTADE DE CIENCIAS DA COMUNICACIÓN  
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

As implicacións entre os axentes da comunicación, a pesquisa e a transferencia social de resultados no ámbito da formación, para a solución a problemas ou como iniciativas novas de seu, lévannos cara a necesidade de establecer unha sorte de estado xeral dos obxectos contemporáneos de investigación, das experiencias de traballo en curso que aínda non contan coa súa propia tradición e de certas tendencias no pensamento comunicacional contemporáneo.

O exercicio do saber como forma de poder, a reconfiguración da esfera pública como lugar para a diferenza, a interculturalidade e a construción da igualdade constitúense en retos para este encontro de investigadores e investigadoras da ampla xeografía iberoamericana.

Santiago de Compostela, a cidade símbolo da viaxe como transformación, é referencia nos estudos americanistas, e a Facultade de Ciencias da Comunicación, sede do Congreso, acolleu, entre outros eventos, o II Congreso Iberoamericano de Xornalismo Dixital (2003), o VII Congreso Lusocom (2006), o Congreso Fundacional da AE-IC (2008) ou o Encontro Real-Code, Comunicación e Desenvolvemento (2011).

Asemade, o Departamento de Ciencias da Comunicación da Universidade de Santiago de Compostela ten acumulada unha longa experiencia na organización de cursos de doutoramento con universidades iberoamericanas, como a Nacional de Tamaulipas, de México, ou a Técnica Particular de Loja, de Ecuador. Do mesmo xeito, na Universidade de Santiago de Compostela sitúase o Centro Interdisciplinario de Estudos Americanistas Gumersindo Busto, tamén cunha fonda traxectoria de pesquisa sobre as relacións con Iberoamérica.

A celebración do IBERCOM 2013 en Galicia da man da AGACOM, para alén de darlle unha maior visibilidade á investigación en Comunicación en Galicia e de materializar o encontro entre académicos, investigadores e investigadoras, vai crear condicións para a cooperación entre ámbitos disciplinares, universidades e países diferentes, convocados en torno a Comunicación, cultura e esferas de poder.



XIII CONGRESO INTERNACIONAL IBERCOM  
**COMUNICACIÓN, CULTURA Y ESFERAS DE PODER**

XIII CONGRESO  
INTERNACIONAL  
**IBERCOM**  
COMUNICACIÓN,  
CULTURA E ESFERAS  
DE PODER

29,30 E 31 DE MAIO FACULTADE DE CIENCIAS DA COMUNICACIÓN  
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA



## **MORANGOS COM AÇÚCAR: UM CONTRIBUTO PARA A ANÁLISE DE PROGRAMAS TELEVISIVOS QUE VEICULAM FORMAS DE VIOLÊNCIA INTERPESSOAL**

Ribeiro, José Carlos  
Universidade de Aveiro  
Aveiro - Portugal  
[jribeiro@ua.pt](mailto:jribeiro@ua.pt)

Lopes, Maria Conceição  
Universidade de Aveiro  
Aveiro - Portugal  
[col@ua.pt](mailto:col@ua.pt)

A televisão é um dos media mais poderoso e está presente em quase todas as casas dos portugueses. Segundo os dados estatísticos da “Obercom” referentes ao ano de 2008, em Portugal verificou-se que 74,1% dos agregados familiares portugueses dispõem de dois ou mais televisores e 99,5% dispõe de um televisor. Em relação ao modo de acesso, em 2010, 47,8% continua a usufruir da televisão analógica e 42,8% por satélite/cabo. Estes dados sublinham a importância dada pelos portugueses às emissões televisivas.

Da articulação dos seguintes fatores: i) reconhecimento do poder de influência da televisão; ii) quantidade de horas que as crianças estão frente ao televisor; iii) identificação de manifestações de violência, diretas e dissimuladas nos conteúdos da telenovela “Morangos com Açúcar” iv) reconhecimento de que a telenovela, em geral, capta níveis elevados de audiências; v) as crianças têm tendência a reproduzir padrões de comportamento que vêm na televisão desenvolveu-se um estudo de caso, no âmbito do mestrado em comunicação multimédia, da Universidade de Aveiro, pretendendo-se dar um contributo para o estudo do binómio televisão-violência. E, recolher as orientações de um grupo de 14 crianças, telespectadoras assíduas da telenovela “Morangos com Açúcar”. Para o efeito selecionou-se o episódio 121 da 9ª série e analisaram-se dois fragmentos em que estão expostos vários tipos de violência interpessoal, protagonizada pelos personagens Brian/Ana Rita e Marcus/Bruno/Kiko.

### **Uma aproximação concetual ao universo do estudo realizado**

A comunicação é uma das condições da vida humana (Lopes, 2005). Na perspectiva desta autora e na linha de pensamento de Gregory Bateson (1977), Paul Watzlawick, Donald Jackson e Janet Beavon (1967) a essência da comunicação reside nos processos relacionais e interrelacionais que as pessoas protagonizam, em diversos contextos situacionais, ao longo da vida. Sejam eles experienciados face a face [face to face interaction], mediada [mediated interaction] e mediatizada [mediated quasi interaction] motivados pela procura das respostas às questões pelas quais cada ser humano comunica: para conhecer-se a si mesmo; para conhecer os outros; para influenciar; e para exercer a sua condição e ludicidade (Lopes, 2012 e 2008), (Lopes, 2005, apud Thompson 2001). Desde os sinais de fumo, signos de comunicação à distância, o Homem recorre a diversos meios técnicos e tecnológicos para comunicar. A linguagem verbal, o lápis, papel, telefone, televisão, computador, entre outros são dispositivos que potenciam a comunicação face a face e mediada. Porém, o medium, não é apenas a mensagem como referia McLuhan (1974), mas também é o uso que deles fazemos (Lopes, 2005). E, a comunicação mediatizada ou quasi-mediada “orienta-se para um número indefinido de recetores potenciais, e a sua natureza é monológica” (Thompson 2001 apud Lopes, 2005). Neste sentido a comunicação altera de forma substancial os modos de pensar, de agir e de interagir. A natureza dos suportes tecnológicos da difusão da comunicação modifica o modo de pensar e de agir e de perceber o mundo. É da compreensão que cada pessoa constrói a realidade

Acerca da televisão Coelho (2005), afirma que esta é mais do que entretenimento e informação. A televisão integra o quotidiano das famílias. É um meio in-visível cujo uso é tão natural como o micro-ondas. A propósito refere Coelho “a televisão começa por ser um

veículo que simultaneamente promove o divertimento e fornece informação à família” (Coelho, 2005). A televisão aproxima pais e filhos e pode também ser o catalisador para a conversa em família de temas por vezes difíceis de abordar como refere o autor citado “temas tabu, como o consumo de drogas, a sexualidade, os problemas da juventude, podem ser mais facilmente abordados entre pais e filhos frente a programas que tratem esses temas, do que seriam senão existisse esse pretexto” (Coelho, 2005). A televisão é mais do que divertimento e informação.

A influência da televisão no processo de socialização e aprendizagem da criança é sublinhado por vários autores. Como refere Lopes, “as crianças do século XXI sabem o que querem, são as donas do comando, influenciam as escolhas dos pais, discutem. São proactivas e cooperantes na resolução de problemas e na construção dos seus mundos de vida (2010). A este propósito, também, Comstock & Lindsey (1975) defendem que “as crianças aprendem ao observarem as imagens da televisão bem como observando as ações de pessoas na realidade”.

### **A violência**

De acordo com Michaud (2001) violência é “antes de tudo, uma questão de agressões e de maus tratos. Por isso a consideramos evidente: ela deixa marcas”. Violência é “uma ação direta ou indireta, destinada a limitar, ferir ou destruir as pessoas ou os bens”. Os outros três temas abordados foram: a atração pela violência e pela televisão em especial, o medo da violência e consequências e por fim a violência gera violência?

Ao longo dos estudos efetuados, Michaud (2001) verificou que as crianças ao verem imagens televisivas violentas poderão “não tornar as crianças mais violentas, mas certamente contribuem para excitá-las.” Refere ainda que há um efeito de aceitação e de desvalorização de atos agressivos ou seja, ao ver na televisão uma agressão a outras pessoas o espetador numa situação real tenderá a não prestar socorro à vítima. “As imagens da violência contribuem de modo não desprezível para mostrá-las como mais normais, menos terríveis do que elas são, em suma: banal, criando, assim, um hiato entre a experiência anestesiada e as provas da realidade, raras, mas muito mais fortes” (Michaud, 2001).

No entanto, embora compreenda que a exibição de imagens violentas seja prejudicial, refere o outro lado da moeda. O que seria da televisão sem violência? O que iria trazer, dia após dia, um noticiário, não houvesse violência e se vivêssemos num mundo perfeito? “A violência, com a carga de rutura que ela veicula, é por princípio, um alimento privilegiado para a media, com vantagem para as violências espetaculares, sangrentas ou atroztes sobre as violências comuns, banais e instaladas” (Michaud, 2001).

Na mesma linha de pensamento, a Unicef (2005) refere que “não cabe atribuir à imprensa e à televisão a responsabilidade de conter a violência e suas manifestações. Entretanto, isso não isenta os meios de cumprir sua função pública.” Além de cumprir a função pública terá também de observar as indicações e demais legislação em vigor sobre violência que não poderá deixar de ser observada e cumprida.

Contudo, esta visão de que a violência não gera violência é refutada pelas afirmações de “garotas adolescentes”. Elas referem que “se eles [os garotos] apanham em casa, vão também querer bater em outros, ou seja, se seus pais os maltratam ou não falam com eles, os garotos vão bater em outros porque eles próprios são surrados. Eles vão levar para fora de casa o que veem acontecer nela. Essa é a base da violência” (Unicef, 2006).

Numa entrevista ao jornal Telegraph, o realizador de cinema Quentin Tarantino<sup>1</sup> refere que “a violência é tão bom”, porque é a forma mais agradável de entretenimento, acrescentando que o que ele quer ver no cinema é um homem “sangrando como um porco”. “Se um indivíduo leva um tiro no estômago e fica a sangrar como um porco, então isso é o que eu quero ver. Não quero ver um homem com uma dor de estômago e um pequeno ponto vermelho em sua

<sup>1</sup> <http://www.telegraph.co.uk/culture/film/film-news/6975563/Quentin-Tarantino-violence-is-the-best-way-to-control-an-audience.html>

barriga". Tarantino disse ainda que “a violência é a melhor forma de cinema de entretenimento. Eu sou um grande fã de ação e violência no cinema”.

Este tipo de cenas, algumas das quais de extrema violência provocam repulsa levando mesmo à saída de pessoas da sala de cinema, mesmo ainda antes do filme ter terminado.

Olhando agora para a violência televisiva é possível verificar através do Estudo da UNESCO sobre a violência televisiva refere que “os meninos são, em particular, fascinados pelos heróis agressivos disseminados pela mídia. Alguns deles, como "O Exterminador", de Arnold Schwarzenegger, tornaram-se ídolos conhecidos por 88% das crianças em todo o mundo. Um total de 51% das crianças oriundas de ambientes altamente violentos (guerra/criminalidade) gostariam de ser como ele, em comparação a 37% das crianças oriundas de vizinhanças onde é baixo o índice de violência. Torna-se claro que as crianças necessitam e utilizam os heróis da mídia como modelos que os auxiliam a lidar com situações difíceis, sendo esse fato inteiramente válido para todas as regiões do mundo” (Grobel, 1998).

Estas afirmações colocam numa posição desconfortável quem defende a teoria da catarse<sup>2</sup>. Aristóteles defendia através esta teoria que “as imagens de horror e de violência resultavam perspectivas, na medida em que serviam como "escape" à agressividade natural do ser humano. Com efeito, acreditava-se que a teatralização das tragédias gregas teria um efeito de purgação, de purificação, benéficas ao espírito humano.

A teoria da catarse ganha substancial reforço teórico a partir de Freud, para quem as imagens espetaculares de violência ocupam um lugar de satisfação imaginária das frustrações reais. Através dessa espetacularização, aliviam-se as pulsões antissociais e agressivas e arrefece-se a carga pulsional do indivíduo.

No mesmo sentido Michaud (2001) refere que “...não há dúvida de que as imagens da violência contribuem de modo não desprezível para mostrá-la como mais normal, menos terrível do que ela é, em suma: banal, criando, assim, um hiato entre a experiência anestesiada e as provas da realidade, raras, mas muito fortes”.

Perante defensores de que a violência gera violência, “o espetáculo da violência ao mesmo tempo incita e apazigua: incita parcialmente a adolescência, em que a projeção e a identificação não se distribuem de modo racionalizado, como acontece com os adultos, a buscar exutórios práticos nessa violência (...), mas, ao mesmo tempo, apazigua parcialmente as necessidades agressivas da violência” (Maciel, 2006).

Aliado a todos estes fatores há também a condição social. Para Porto (2002), “a violência deve ser identificada de forma múltipla, diferenciada, e não pode ser analisada independentemente do campo social no qual se insere. Se muda a natureza do campo social, mudam igualmente as formas de manifestação da violência...”. Deste modo, não podemos afirmar que a violência seja apontada como o resultado de apenas um fator, mas sim, de vários fatores que, em conjunto, poderão desencadear comportamentos violentos.

No entanto, não se pode dizer que todas as imagens de violência televisiva sejam prejudiciais pois elas servirão para um equilíbrio interior entre o querer e o fazer de cada indivíduo.

A Teoria da Cultivação de George Gerbner defende que devido à intensa exposição de imagens televisivas que as crianças estão sujeitas leva-as a alterar o modo como percebem o mundo ao seu redor. Ele afirma também que as crianças começam a ver televisão muitos anos antes de começar a ler. Ao assistirem constantemente a imagens, algumas delas muito violentas, podem exercer uma influência nas atitudes e comportamentos da criança (Gerbner, 1988).

Contudo, afirma também que “as estruturas e crenças sociais sejam também fatores a ter em conta pois a cultura não é unidirecional mas um processo gravitacional.” A teoria de Gerbner é refutada por Hirsch (1980-1981 apud Cashmore, 1998) que elaborou uma nova experiência com grupos mais pequenos e inseriu dois grupos novos: um grupo que não vê

<sup>2</sup> Do grego *kátharsis*, -eós, purificação - Palavra pela qual Aristóteles designa a "purificação" sentida pelos espectadores durante e após uma representação dramática

televisão e um grupo que vê muita televisão. De acordo com os resultados obtidos, o grupo que não vê televisão tem mais medo da violência do que o que passa 8 horas em frente ao televisor. Ainda assim, esta experiência não consegue refutar completamente a teoria de Gerbner.

O tema da violência não é consensual entre os investigadores. Bandura refere que, se por um lado a violência gera violência ou poderá levar a comportamentos violentos, por outro o facto de a televisão ser um meio de socialização, ao assistir a cenas violentas o indivíduo acaba por libertar e descarregar a tendência para esses comportamentos violentos (Bandura, 1973 apud Rangel 2004). Isto, leva à consideração do modo como cada pessoa se apropria das mensagens que lhe são dirigidas. Como se referiu anteriormente “a comunicação é essencialmente um processo de estruturação da realidade feita através da percepção e da simbolização” pois a “... nossa visão do mundo pertence-nos porque somos nós que a criamos e a construímos a partir de estímulos do exterior que nos selecionamos, organizamos e interpretamos. O modo como nos selecionamos, organizamos e interpretamos é numa grande parte devido ao modo como efetuamos estas operações no passado dado que nós somos o produto das nossas percepções anteriores”. (Myers & Myers, 1990, apud Lopes 1998)

Essas percepções ao longo do tempo vão alterar e condicionar os telespectadores. Ao assistirem a uma telenovela, “os telespectadores apropriam-se do repertório da novela para se posicionar em público em termos reconhecíveis pelos outros indivíduos. Assim, ao tomar partido de um personagem em detrimento de outro, um telespectador ou grupo de telespectadores está simultaneamente a posicionar-se em relação à interpretação dos seus próprios dramas” (Cardoso, 2006).

Todavia a influência da televisão é também a violência da habituação à televisão. Neste caso e através da investigação realizada, por Manuel Pinto refere-se que “não há uma relação unidirecional, de causa-efeito, entre TV e vida quotidiana: a TV contribui para estruturar as rotinas quotidianas, mas o seu uso é também condicionado pelo quadro de normas e de valores dos contextos de recepção” (Pinto, Pereira, 1999).

Por sua vez, Sara Pereira (1997) afirma que algumas crianças conseguem distinguir o que é real do que é ficção, chegando mesmo a ter um espírito crítico daquilo que veem na telenovela. No entanto, “nalguns casos, as crianças revelam dificuldade em distinguir e em separar a realidade da ficção, ou seja, dificuldade em compreender que o programa é uma história criada e escrita por alguém, estando longe de refletir a realidade, ainda que esta possa servir-lhe de inspiração”. Assim, não é defensável que a televisão seja o responsável dos comportamentos de violência das crianças e jovens telespectadores.

Como refere Sara Pereira “nada do que está devidamente documentado pode limitar-se a dizer que a televisão é boa ou má para as crianças. Para algumas crianças e em determinadas condições, certa televisão é prejudicial. Para outras crianças, nas mesmas condições, ou para as mesmas crianças em outras condições, pode ser benéfica. Para a maioria das crianças, na maioria das condições a maior parte da televisão não é, provavelmente, nem prejudicial nem benéfica de uma forma especial” (Scramm et al.:1965 apud Pereira, 1997).

Ao fazermos o cruzamento dos vários autores aqui referidos conclui-se que não se pode afirmar que a televisão e a violência transportada pelas imagens seja efetivamente responsável pelo aumento da violência ou comportamentos violentos. Contudo, nós somos fruto de todas as nossas vivências: das boas e das más!

Burnet refere que (1971) “enquanto tivermos um mundo violento não podemos eliminar a violência da atualidade”. Ao não conseguirmos eliminar a violência, esta, estará diretamente associada aos meios de comunicação como é o caso da televisão. Como telespetadores que somos diariamente, vemos o que, quem produz ou capta em imagens e quer que nós vejamos. “Os repórteres são falíveis, a vista não é isenta de parcialidade e a câmara pode ser seletiva (ibid.).

No entanto a violência e as imagens de violência não atraem de forma uniforme e constante. Efetivamente essa atração varia em função de vários fatores. Da hora de emissão, passando

pelo tipo de programa, idade e até pela escolaridade interferem no modo como a violência cria a simpatia (Eaton & Enns apud Strasburger, 2009).

Um outro fator diferenciador é também o gênero. Para além do que foi referido atrás relativamente ao comportamento das crianças, “comparados com as raparigas, os rapazes gostam mais de animações e filmes onde haja violência esteja presente. Além disso brincam e jogam com brinquedos e videojogos onde a violência é um dos elementos presentes. Contudo, o mesmo tipo de preferência poderá manter-se ao longo da vida adulta (Baillargeon et al apud Strasburger, 2009:4).

### O estudo realizado

O estudo que se apresenta pretendeu compreender como os sujeitos alvo da amostra, 7 meninas e 7 meninos, com idades entre os 12 e os 14 anos, vêem e pensam os comportamentos dos protagonistas dos fragmentos selecionados para análise, incluídos no episódio 121, da telenovela “Morangos com Açúcar”, emitidos pela TVI – Televisão Independente, no dia 1 de Março de 2013, no horário das 18:30 e as 20:00 horas.

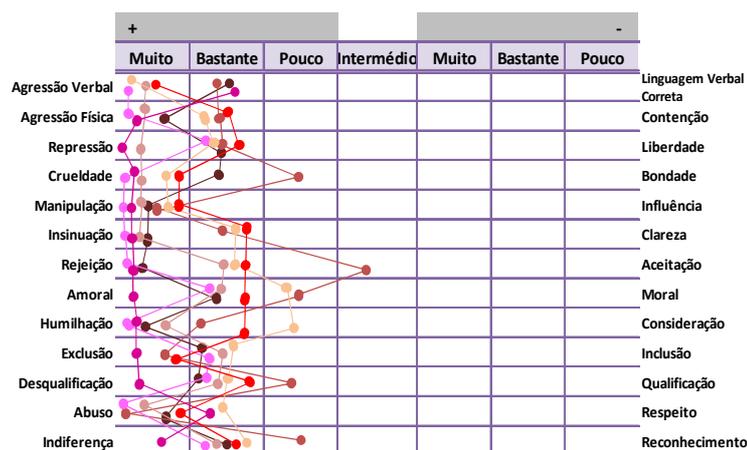
A recolha de dados foi feita através de entrevista e registada na grelha diferencial semântico (Osgood, 1957) e constelação de atributos (Moles, 1975). Deste modo, foi possível identificar quais as representações acerca dos diversos tipos de violência (categorias previamente definidas) presente nos fragmentos em análise e conhecer quais as orientações acerca da violência, dos sujeitos alvo da amostra.

As respostas obtidas aludem a que os entrevistados identificam a existência da violência interpessoal e são conscientes sobre o que é a violência. Os resultados a seguir apresentados são disso reveladores.

Assim, definiram-se nove tipos de comportamentos violentos, a saber: agressão verbal; agressão física; insinuação; rejeição; indiferença; manipulação; humilhação; repressão e desprezo e que são identificáveis nos fragmentos um e dois.

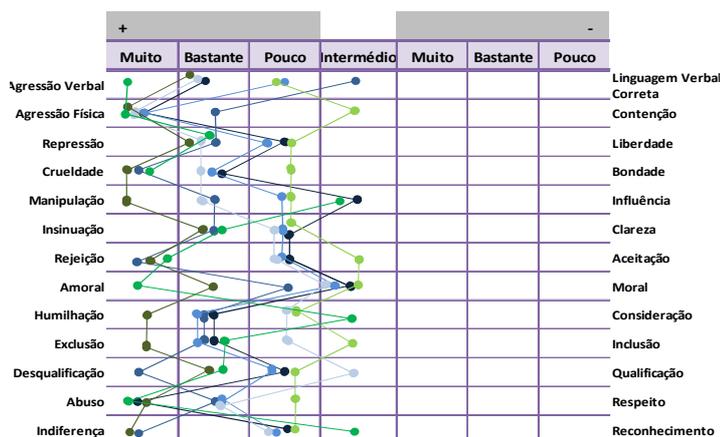
Nos gráficos da constelação de atributos (Moles, 1975) e nas tabelas de diferencial semântico (Osgood, 1957) poder-se-á analisar como os entrevistados identificam e percebem as diversas manifestações de violência presentes no fragmento em análise.

*Tabela 1 – Meninas - Análise dos resultados obtidos através da análise de dados registados pelo método diferencial semântico*



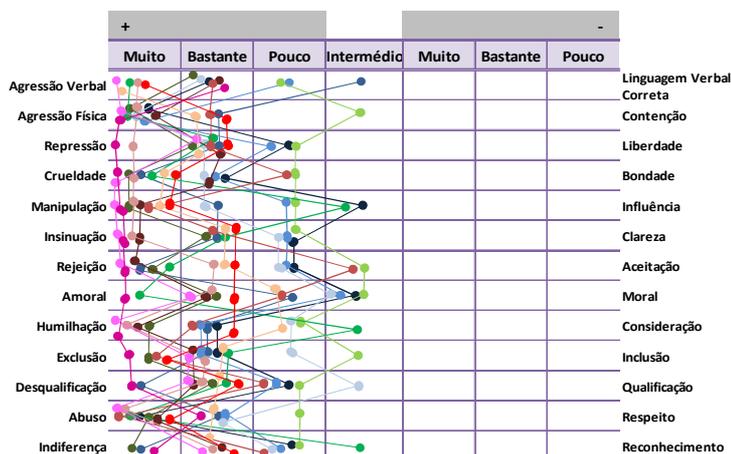
*Fonte: Elaboração própria*

Tabela 2 – Meninos - Análise dos resultados obtidos através da análise de dados registados pelo método diferencial semântico



Fonte: Elaboração própria

Tabela 3 – Grupo (meninos e meninas) – Análise total dos resultados obtidos através da análise de dados registados pelo método diferencial semântico



Fonte: Elaboração própria

Através das imagens extraídas dos fragmentos é possível verificar a violência física que foi identificada por todo o grupo de crianças alvo da amostra.

Ilustração 1 – violência física – resultados obtidos da análise dos fragmentos 1 do episódio 121 da telenovela “Morangos com Açúcar”



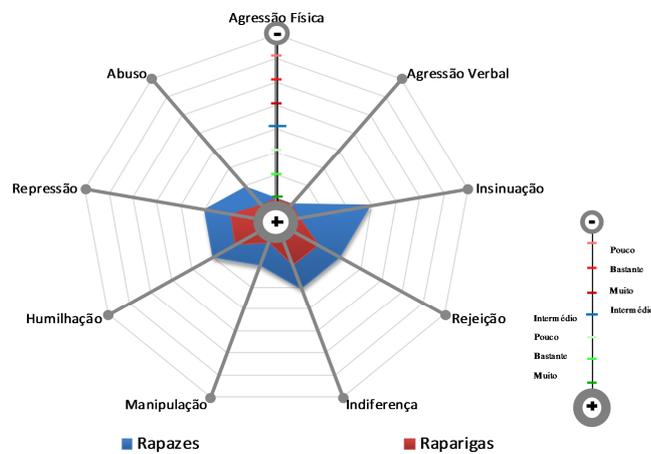
Fonte: Elaboração própria

Ilustração 2 – violência física – resultados obtidos da análise dos fragmentos 2 do episódio 121 da telenovela “Morangos com Açúcar”



Fonte: Elaboração própria

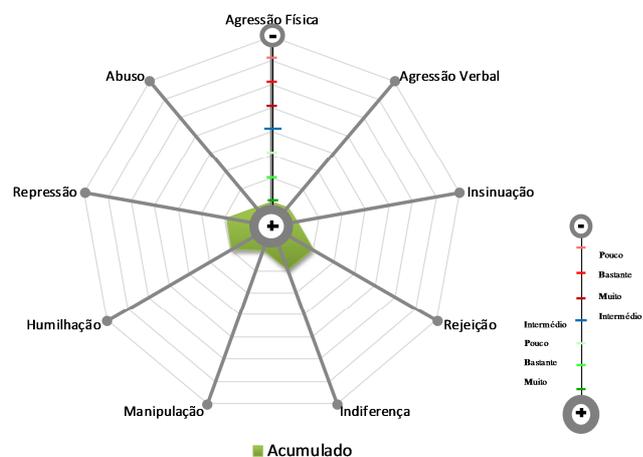
Gráfico 1 – Grupo (meninas e meninos) - Análise dos resultados obtidos através da análise de dados registados pelo método constelação de atributos



Fonte: Elaboração própria

Os resultados obtidos aludem que as crianças identificam e compreendem cada um dos tipos de violência interpessoal.

Gráfico 2 – Grupo – (meninos e meninas - acumulado) – resultados obtidos através da análise de dados registados pelo método constelação de atributos



Fonte: Elaboração própria

As crianças referem que a violência física é um tipo de violência muito agressiva e sabem que a vítima com lesões visíveis. O tipo de violência verbal é, por norma, um antecedente da

violência física. Contudo este tipo de violência não provoca ferimentos físicos mas destrói a autoestima da vítima. A insinuação, à semelhança da violência verbal, também, destrói a autoestima, mas vai mais longe e destrói os laços sociais da vítima. Neste caso, a violência leva a que a vítima seja em muitos casos humilhada e gozada publicamente, podendo provocar a autoexclusão da vítima que se afasta das outras pessoas. Estes dois tipos de violência estão ligados a um terceiro que é a rejeição. A manipulação, manobra oculta ou suspeita que visa à falsificação da realidade e se influencia um indivíduo, conduz em muitos casos a uma submissão da vítima devido a uma incorreta interpretação da realidade por influência do agressor. Em relação à indiferença e também ao desprezo, a vítima sofre por parte do agressor repúdio, afastamento e isolamento e à semelhança da insinuação leva à destruição da autoestima e dos laços que permitem uma vida social. A repressão está ligada à violência física pois por norma implica castigo e punição.

As duas tabelas<sup>3</sup> seguintes agrupam os diversos tipos de comportamentos violentos dos personagens dos dois fragmentos em análise.

Tabela 4 - Grelha de análise do perfil comportamental - Tipologia de violência – fragmento um

Tipologia de comportamento violento	Unidade de tempo - 10 segundos										Personagem	
	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100		
Agressão Verbal		x	x									Bryan
Agressão Física				x	x							Ana Rita
Insinuação	x	x	x									Bryan
Rejeição				x	x							Ana Rita
Indiferença				x	x							Ana Rita
Manipulação						x	x	x	x	x	x	Verónica
Humilhação					x	x	x	x	x	x		Bryan
Repressão				x				x	x			Bryan
Desprezo				x	x			x				Ana Rita

Fonte: Elaboração própria

Tabela 5 - Grelha de análise do perfil comportamental - Tipologia de violência – fragmento dois

Tipologia de comportamento violento	Unidade de tempo - 10 segundos										Personagem	
	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100		
Verbal	x	x	x	x				x				Marcus
Agressão Física	x	x	x	x				x				Kiko
Insinuação		x	x	x								Marcus
Rejeição						x	x	x				Marcus/Kiko
Indiferença							x		x	x	x	Marcus/Kiko
Manipulação	x	x	x	x			x					Marcus
Humilhação								x	x	x	x	Bruno
Repressão	x	x	x	x				x	x	x		Marcus/kiko
Desprezo									x	x	x	Marcus/Kiko

Fonte: Elaboração própria

De uma forma geral pode afirmar-se, também, que em relação à telenovela *Morangos com Açúcar*, os sujeitos alvo identificam claramente as várias tipologias de violência e classificam o grau de violência de cada. A classificação dada indicia que estas crianças estão atentas ao fenómeno da violência interpessoal veiculada pela televisão.

A série dos fragmentos em estudo, ao abordar temáticas da relação interpessoal, da gravidez na adolescência, consumo de estupefacientes, abuso no consumo de bebidas alcoólicas,

<sup>3</sup> Tabelas adaptadas a partir da grelha de análise do perfil comportamental construída por Conceição Lopes, no âmbito da sua tese de doutoramento e que segue o método utilizado pela etologia (Lopes, 1998). O registo é efetuado tendo como unidade de recolha e análise, o tempo, 10 segundos.

também potencia a reflexão e a discussão entre as crianças, entre os adolescentes e entre estes e as suas famílias.

Face à impossibilidade de não comunicar sublinha-se que as crianças, adolescentes, jovens e adultos convivem num mundo de mensagens, sendo que aquelas que são veiculadas pela televisão potenciam os contextos situacionais familiares reforçando vs questionando, os modos de pensar e de interagir.

Face ao exposto, embora se considere que a finalidade e os objetivos do estudo foram atingidos, cabe ressaltar que o tema não ficou esgotado, que os resultados obtidos não são generalizáveis. Contudo, indicam tendências, nos modos de ver e pensar de crianças dos 12 aos 14 anos, sobre os comportamentos de violência interpessoal, existentes nas narrativas ficcionais emitidas pela televisão, nomeadamente da telenovela “Morangos com Açúcar”.

Este é um pequeno passo de um longo caminho de investigação-ação a percorrer.

## Referências Bibliográficas

Burnet Mary (1971). The mass media in a violent world Edição 63 de Reports and papers on mass communication. Unesco

Cashmore, Ellis (1998). E a Televisão se fez. Summus Editorial, 1998 Volume 58 de Novas Buscas em Comunicação. ISBN 8532306292, 9788532306296

Cardoso, Gustavo; Cheta, Rita (2006). Estratégias de Sucesso na Ficção TV Nacional: Estudo de Caso das ‘Telenovelas Juvenis’. OberCom - Observatório da Comunicação, Lisboa

Cardoso, Gustavo; Cheta, Rita; Espanha, Rita (2007). Estratégias de Sucesso na Ficção TV Nacional: Estudo de Caso das ‘Telenovelas Juvenis’. OberCom - Observatório da Comunicação, Consultado em Julho 2012 Disponível em <http://www.obercom.pt/client/?newsId=29&fileName=rr2.pdf>

Cardoso, Gustavo; Cheta, Rita; Espanha, Rita (2007). A Televisão em Portugal Anuário da Comunicação 2007-2008. OberCom - Observatório da Comunicação. Consultado em Julho 2012. Disponível em [http://www.obercom.pt/client/?newsId=373&fileName=fr\\_14.pdf](http://www.obercom.pt/client/?newsId=373&fileName=fr_14.pdf)

Cardoso, Gustavo; Espanha, Rita (2009). A Sociedade em rede em Portugal 2008. OberCom - Observatório da Comunicação. Consultado em Abril 2013. Disponível em [http://www.obercom.pt/client/?newsId=548&fileName=fr3\\_sr\\_2008.pdf](http://www.obercom.pt/client/?newsId=548&fileName=fr3_sr_2008.pdf)

Cardoso, Gustavo, Vieira, Jorge E Mendonça, Sandro (2011). Tendências e Prospectivas. Ecrãs em Rede: Televisão, OberCom - Observatório da Comunicação, Lisboa

Coelho, Pedro (2005). A TV de Proximidade e os Novos Desafios do Espaço Público, ed. Livros Horizonte, Lisboa ISBN: 972-24-1405-4

Comstock George (2007). Television and its viewers: what social science sees, Johns Hopkins Bloomberg School of Public Health, Baltimore. Consultado em Abril 2013, Disponível em <http://www.rand.org/pubs/papers/2009/P5632.pdf>

Comstock, G. & Lindsey, G. (1975). Television and Human Behavior: The Research Horizon, Future and Present. Santa Monica, CA: Rand

Conselho Da Europa (2010). Directrizes do Conselho da Europa sobre as estratégias nacionais integradas e protecção das crianças contra a violência Consultado em Julho 2012, Disponível em [http://www.coe.int/t/dg3/children/news/guidelines/A4%20Recommendation%20CM%20protection%20of%20children%20\\_POR\\_BD.pdf](http://www.coe.int/t/dg3/children/news/guidelines/A4%20Recommendation%20CM%20protection%20of%20children%20_POR_BD.pdf)

Gerbner, George; Gross, L.; Morgan, M. & Signorielli, N. (1994). Growing up with television: The cultivation perspective. In J. Bryant & D. Zillmann (orgs.) Media effects. Hillsdale, Lawrence Erlbaum, pp. 17-41

Gerbner, George; Gross, L.; Morgan, M. & Signorielli, N. (1986). Living with television: The dynamics of the cultivation process. In J. Bryant & D. Zillmann (orgs.). *Media Effects*, pp. 17-41. Hillsdale, Lawrence Erlbaum

Gerbner, George (1988). *Violence and terror in the mass media - Reports and papers on mass communication*, n. 102 Paris: Unesco

Gerbner, George (2006). George Gerbner Collection Annenberg School for Communication, University of Pennsylvania Philadelphia. Consultado em Abril 2013. Disponível em: <http://www.asc.upenn.edu/Gerbner/Archive.aspx>

Groebel, Jo. *Percepção dos jovens sobre a violência nos meios de comunicação*, Brasília: Unesco, c1998. 36p. 17x24 cm. – (Cadernos Unesco Brasil. Série Direitos Humanos e Cultura da Paz; v.1)

Lopes, M. Conceição (1998). *Comunicação e Ludicidade*, tese de doutoramento em Ciências e Tecnologias da Comunicação, (Universidade de Aveiro)

Lopes, M. Conceição (2010). *Literacia e cidadania. A televisão é parte da solução*. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Universidade do Minho. Braga ISBN 978-989-97244-1-9. Disponível em [www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/lmc/article/download/474/445](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/lmc/article/download/474/445)

Lopes, M. Conceição (2012). 31. In P. Dias & A. Osório (Org.) *TIC na Educação: Perspetivas de Inovação* (pp. 87-118). Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho

Lopes, M. Conceição (2005). *Uma dinâmica sistémica de direcção e controle dos processos de comunicação ao ser viço da missão institucional*. Livro de Actas do Congresso 4º SOPCOM. Departamento de Comunicação e Arte (Universidade de Aveiro)

Lopes, M. Conceição E Oliveira, Inês G. (2005). *Acção, emoção e confiança: o Projecto Direitos Humanos em Acção – um caminho de aprendizagens e mudanças a fazer acontecer um novo mundo, praticando valores do Humano*. Livro de Actas do Congresso 4º SOPCOM. Departamento de Comunicação e Arte (Universidade de Aveiro)

Maciel, Tiago (2006). *A representação de tribo urbana no jornalismo de revista esportivo especializado – segmento Bike: Análise da representação do indivíduo e da tribo urbana*, na revista VO2 MAX, Belo Horizonte

McLuhan, Marshall (1974). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix

Michaud, Yves. (2001). *A Violência* (L. Garcia, Tradução) São Paulo: Ática

Moles, Abraham, Janiszewski, Luc, *Grafismo funcional*, Ediciones CEAC: Barcelona, 1990, p. 170 – 171

ONU (1959). *Convention of the Rights of the Child Declaration Of The Rights Of The Child*. Consultado em Julho 2012, Disponível em: [http://www.unicef.org/lac/spbarbados/Legal/global/General/declaration\\_child1959.pdf](http://www.unicef.org/lac/spbarbados/Legal/global/General/declaration_child1959.pdf)

Osgood, Charles, Suci, George, Tannenbaum, Percy (1957). *The measurement of meaning*, University of Illinois Press: Urbana, Chicago

Pinto, Manuel; Pereira, Sara (1999). *As crianças e os media no pós-25 de Abril: discursos, percursos e silêncios*. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade Instituto de Ciências Sociais (Universidade do Minho) Consultado em Julho 2012, Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3983/1/As%2520Crian%25C3%25A7as%2520e%2520os%2520media%2520no%2520p%25C3%25B3s-25%2520de%2520Abril.pdf>

Pereira, Sara (1997). *Crianças e Televisão: Uma relação de Influências*, (Universidade do Minho) Consultado em Julho 2012 Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4928/1/Crian%C3%A7as-TV%20uma%20rela%C3%A7%C3%A3o%20de%20influ%C3%A7%C3%A3o.pdf>

Pereira, Sara (2005). *A Qualidade na Televisão para Crianças - Quality in Children's Television*, Instituto de Estudos da Criança, Braga (Universidade do Minho)

Pereira, Sara (2000). Educação para os media Instituto de Estudos da Criança, Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/4768>

Pereira, Sara (2006). O fenómeno das novelas juvenis – o caso ‘Floribella’, Anuário 2006 – A comunicação e os media em análise. Projecto Mediascópio. Instituto de Ciências Sociais Universidade do Minho ISBN: 978-989-95500-0-1

Pereira, Sara, Pinto, M, E.Pereira (2009). Entidade Reguladora Comunicação Social, A Televisão e as Crianças. Um ano de programação na RTP Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho

Rangel, Jair (2000). A qualificação da violência na televisão: O efeito de onipotência no processo de percepção da realidade, Tese de Doutoramento, Universidade Federal Do Rio De Janeiro, Escola de Comunicação

Rangel, Jair (2004). Televisão em foco: a violência e suas relações psicossociais no contexto dos telespectadores, Revista de Comunicação, Cultura e Política – Alceu, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC, Consultado em Julho 2012, Disponível em: [http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu\\_n8\\_Rangel.pdf](http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n8_Rangel.pdf)

Ribeiro, José Carlos (2012). Crianças e violência televisiva: um contributo. Dissertação de mestrado em Comunicação Multimédia Audiovisual Digital, Aveiro, Disponível em <http://hdl.handle.net/10773/10040>

Strasburger, Vitor. (2009). Children, adolescents and the media SAGE Publications, ISBN 1412944678, 9781412944670

Unicef, Relatório Violência na Mídia Consultado em Julho 2012, Disponível em: [http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap\\_04.pdf](http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_04.pdf)